

O Governo Federal foi pego de surpresa e ficou um clima de barata voa com as primeiras informações que chegavam do Rio. O presidente Lula fora do país; Rui Costa desembarcando em Brasília depois de um voo da Gol, que partiu de Salvador as seis da manhã; o ministro Ricardo Lewandowski na sua rotina normal matutina. O que seria um clima normal na véspera da posse do novo ministro Guilherme Boulos, virou um clima de crise: a luz amarela virou vermelha. “O que está acontecendo no Rio?” foi a pergunta mais ouvida nos corredores do Palácio do Planalto e do Ministério da Justiça.

■ As imagens das televisões e redes sociais pareciam cenas de Gaza ou do 11 de setembro. Os vídeos dos drones jogando granadas sobre policias e a transformação do Complexo do Alemão e da Penha em praças de Guerra deixaram o governo atordoado. Afinal, todos sabiam que a conta seria espetada nas múltiplas omissões do Governo Federal, ainda mais com a infeliz declaração de Lula na Ásia dizendo que traficantes “eram vítimas dos usuários de droga”. Tempestade perfeita formada, ainda mais com o governo federal tentando fazer os estados re-fêns de uma norma jurídica criada na cabeça do ministro da Justiça, que amarra o poder de reação das unidades federativas.

■ Depois de passar a semana denunciando as omissões do Governo Federal, como fez no sábado, 25, em um painel da Fundação Francisco Dornelles em São Paulo e na segunda, 27, no Fórum de Segurança, organizado pelo jornalista Guilherme Amado com a Fundação Getúlio Vargas, o Governador do Rio, Cláudio Castro, resolveu colocar, literalmente, a sua tropa na rua e 2.500 policiais foram dar um basta ao Comando Vermelho no Alemão e na Penha.

■ Apesar do grande efetivo, não houve vazamento e a reação dos bandidos foi traumatizar a cidade com barricadas na Avenida Brasil, Linha Amarela e na Grajaú-Jacarepaguá. Os 100 fuzis apreendidos confirmam o que o Governador vinha afirmando nas palestras: “Cadê o policiamento de fronteira? Cadê o controle nas estradas?”. Fuzis não brotam! São trazidos aproveitando a falta de uma política pública nacional que priorize o combate a armamento pesado.

■ Como o tema de segurança sempre desgastou politicamente o Governador, soa como intencional a transferência pelo Governo Lula da responsabilidade para a unidade federativa. Deixar o Governador sangrando era um bom negócio para a política, usada até pelos candidatos à sucessão do Palácio Guanabara. O Governo vinha agindo e fazendo um dever de casa, sem ajuda federal, investindo em segu-



MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@colunamagnavita

O estado do Rio resolveu agir sozinho, abandonado pelo Governo Lula que ficou nas cordas

José Lucena/Thenews2/Folhapress



Bandidos utilizam agenda social como escudo de defesa

rança mais do que teria de investir na saúde ou educação. Se a intervenção no governo de Michel Temer colocou R\$ 800 milhões em equipamentos na segurança, a gestão de Castro já investiu 14 vezes mais.

■ A politização do tema ficou visível com o vídeo distribuído nas redes sociais pelo presidente da Embratur (que deveria cuidar da imagem do Brasil no exterior), Marcelo Freixo atacando o Governador Cláudio Castro na pessoa fi-

sica e dizendo, pasmem, que ele estava fazendo uma política sobre caixões, prática rotulada ao próprio Freixo nas suas intervenções oportunistas em grandes tragédias. Aliás, o presidente da Embratur deveria optar entre as liturgias que o seu cargo obriga ou fazer política partidária. A mesa branca do vídeo, por coincidência, tem a mesma textura do seu gabinete.

■ Além dos 100 fuzis apreendidos, alguns detalhes devem ser observados pelos órgãos de

inteligência. Parte dos mortos são bandidos oriundos de outros estados e por que, até hoje, os integrantes da “Comissão” que vivem no Pavilhão 7, dentro do complexo penitenciário de Bangu 3, não foram transferidos para presídios de segurança máxima do Governo Federal?

■ Voltando à política, a reação do Prefeito Eduardo Paes foi de sapiência eleitoral. Reafirmou a presença dos serviços da Prefeitura e se manteve em vigília no Centro de Comando e Controle. Não deu um pio criticando a operação, bem diferente de Marcelo Freixo.

■ Os ministros da Justiça, Ricardo Lewandowski, e da Casa Civil, Rui Costa, chegam ao Rio para uma reunião com o Governo do Estado, para tentarem sair das cordas.

■ As 15h59, com a operação ainda em curso, o Procurador da República, Júlio José Araújo Junior e o Defensor Público Federal, Thales Arcoverde Treiger, já assinavam ofício interpellando o Governador Cláudio Castro pedindo informações detalhadas sobre a atuação do estado e questionando se foram cumpridas as determinações da ADPF 635.

■ A operação e o seu desdobramento foram acompanhados de perto pelo presidente do Tribunal de Justiça do Rio, desembargador Ricardo Couto, e pelo Procurador Geral de Justiça do Estado, Antônio Jose Campos Moreira, ambos em linha direta com o governador.

■ Durante o dia desta quarta, 28, o telefone do Governador Claudio Castro não parou de tocar, com mensagens de solidariedade. Na próxima sexta, 31, Castro deverá receber a visita de governadores aliados, como Ronaldo Caiado, Tarcísio de Freitas, Ratinho Junior e Romeu Zema para uma reunião de trabalho e alinhamento contra o confronto estabelecido pelo governo federal e os entes federativos, roubando-lhes a autonomia.

■ No final da tarde, um editor de política de outro grande jornal afirmava à coluna que o cenário político do Rio mudava com a demonstração de força dada pelo Governador. Quem vai se colocar a favor da banditagem, além, é claro, da vitimização dos traficantes feita por Lula em sua infeliz fala na Ásia. O que o presidente da Republica tem a dizer às famílias dos quatro policiais heróis mortos em serviço nesta terça, 28 de outubro? Politizar a segurança pública como vem fazendo o Governo Lula e seus aliados, como Marcelo Freixo, é sórdido. A foto que ilustra a coluna retrata o contrassenso lulista, a utilização de ação social nas comunidades virou escudo para os bandidos.

Fernando Molica

A guerra do fim do Rio

Perdemos, perdemos: as batalhas travadas ontem no Rio marcam o fim de um faz de conta, da ideia de que a segurança pública no país, em particular na capital fluminense, pode ser equacionada com movimentos pontuais, verborragia e operações da polícia.

Ficou mais uma vez evidente que a sucessão de incursões serve apenas para gerar mais ódio, conflitos e mortos, inclusive, entre policiais. Os quatro que tombaram ontem morreram em vão, personagens da mesma tragédia que marca a nossa brutalidade, o pacto que estimula sucessivas baixas — desde que quase todas as vítimas sejam pobres, não importa de que lado estejam nas trincheiras.

Alimentada pela retórica oportunista de políticos, a rotina de confrontos mantida há décadas gerou uma cidade que se revela cada vez mais violenta, injustiça, desigual: inabitável, por mais linda e apaixonante que seja.

Há pelo menos quarenta anos que se insiste em pregar mais e mais violência contra os suspeitos de sempre, em anunciar um suposto combate sem tréguas à criminalidade, em classificar de defensores de bandidos aqueles que defendem o respeito a leis básicas da civilidade e a eficiência da polícia.

O que houve ontem ressalta o erro e atitude criminosos dos

tantos que ao longo dos anos estimulam a matança por parte da polícia, algo que fomenta a corrupção no aparelho estatal — e não apenas na estrutura de segurança — e que faz vítimas entre os próprios agentes.

Se violência policial resolvesse algo, o Rio seria uma das cidades mais pacíficas do mundo — e ninguém duvida de que nada vai mudar por aqui, né?

Há 15 anos, no dia 28 de novembro de 2010, o Rio se permitiu respirar aliviado com a ocupação — sem tiros e mortes — do Complexo do Alemão, que contou com o apoio das Forças Armadas e estava incluída no processo de pacificação encarnado nas UPPs. Um projeto que previa também uma proposta de resgate social.

Uma das cenas daquele domingo é muito representativa de nossas contradições e danos: um dos policiais que ficaram a bandeira brasileira num daqueles mortos foi o sargento PM Marcos Vieira Souza, o Falcon, que meses depois seria preso, suspeito de envolvimento com milicianos.

Libertado, virou homem forte da Portela, criou uma entidade que reunia escolas de samba de divisões inferiores. Candidato a vereador pelo PP — partido do então governador em exercício, Francisco Dornelles —, acabou assassinado em 2016 em seu comitê de campanha, num crime jamais

apurado. As UPPs foram para o espaço; inaugurado em 2011, símbolo do investimento estatal no bem-estar da população, o Teleférico do Alemão está parado há nove anos.

De 2010 para cá, o crime se sofisticou, organizações locais se expandiram pelo país, criaram vínculos ainda mais fortes com setores do universo político e empresarial. A polícia, porém, na maior parte das vezes, demonstra ter ficado parada no tempo, incapaz de atacar o crime em seu ponto mais sensível, o da movimentação de bens e de dinheiro.

Subordinada a políticos que investem no confronto, insiste em operações que provocam mortes de inocentes, levam o terror à população, destroem a imagem de um Rio que tem no turismo uma de suas principais fontes de renda. O resultado são incursões mal planejadas; a de ontem foi incapaz até de prever que integrantes da mesma facção reagiriam em outros pontos da cidade.

O Rio foi dormir com mais medo e ódio, acordou espumando com sede de vingança por todos os lados. Há uma justificada fúria de policiais que perderam colegas e de moradores de favelas que viram parentes, amigos e vizinhos morrerem — entre eles, pessoas obrigadas a carregar desde o berço a marca da suspeição, culpadas apenas de terem nascido pretas e pobres.

Tales Faria

França desafia Tarcísio: “Ele só disputou com gentlemens”

Ministro do Empreendedorismo, da Micro e da Pequena empresa, o ex-governador de São Paulo Márcio França (PSB) disse à coluna que está pronto para bater no governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) num debate público, em 2026, entre os candidatos ao governo do estado.

“Tarcísio só disputou com gentlemens até agora. Comigo, ele terá que responder sobre detalhes do seu passado que estou pronto a revelar”, afirmou sem citar a que fatos do passado do governador se referia.

Os dois adversários do governador que França citou são o ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT), e o ex-governador Rodrigo Garcia (PSDB). Tarcísio disputou contra eles — e venceu - a eleição para o governo do estado em 2022.

“Os dois são homens excessivamente educados. Bateram com luvas de pelica. Eu serei bem mais contundente”, argumentou França.

O ministro acredita que Tarcísio de Freitas acabará mesmo concorrendo à reeleição. Irá desistir de uma candidatura ao Palácio do Planalto diante do fortalecimento do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e da crise no bolsonarismo causada pelas articulações do deputado Eduardo Bolsonaro

(PL-SP) em favor do tarifações dos EUA contra o Brasil.

A declaração de França sobre sua possível disputa contra Tarcísio foi dada diante da pergunta se ele abria mão de concorrer a uma das duas vagas de senador por São Paulo que serão abertas para a próxima legislatura.

É que seu partido, o PSB, cogita apresentar a ministra do Planejamento, Simone Tebet, como candidata ao Senado. Tebet hoje está no MDB, mas o Planalto gostaria que ela transferisse o título para São Paulo a fim de montar uma chapa forte contra os aliados no estado do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

A chapa teria Márcio França como candidato ao governo e, para o Senado, a dobradinha entre Simone Tebet e o ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT).

O vice-presidente da República, Geraldo Alckmin (PSB), era um nome cogitado para concorrer ao Senado. Mas Alckmin tem dito que prefere disputar a reeleição na chapa ao Planalto encabeçada pelo presidente Lula.

Ele comunicou seu desejo tanto a Lula como ao PT e ao PSB. Já contava com a simpatia pessoal do presidente da República e se fortaleceu ainda mais diante do bom desempenho

que tem tido nas negociações sobre o tarifaço imposto pelos Estados Unidos contra o Brasil.

O presidente nacional do PT, Edinho Silva, também já declarou à coluna que defende Haddad como candidato ao Senado e apoia a permanência de Geraldo Alckmin na chapa de Lula.

O vice-presidente da República até conversou sobre a montagem da chapa de 2026 em São Paulo com a própria ministra Tebet. Ele abriu as portas do PSB à sua filiação.

Tebet, no entanto, não bateu o martelo. Filiada ao MDB de Mato Grosso do Sul, eleger-se senadora em 2014 e concorreu à Presidência da República em 2022. Derrotada, fechou apoio do MDB ao presidente Lula no segundo turno, e acabou se tornando ministra.

Agora, antes de decidir, a ministra tem que saber com seu partido no Mato Grosso do Sul qual espaço teria no estado. Já Márcio França, assim como Alckmin, avisa que no PSB ela tem o caminho aberto:

“Eu sei que a disputa pelo governo contra o Tarcísio será mais difícil do que concorrer ao Senado. Mas é o que eu quero e acho que vencerei. A Simone é muito bem vinda ao PSB de São Paulo. Faremos uma ótima dobradinha.”